

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estados de S. Paulo

Class.: 65

Data: 27/08/72

Pg.: _____

Funai reduz a expedição para chegar aos gigantes

Da Sucursal de
BRASÍLIA

A Fundação Nacional do Índio — Funai — anunciou em Brasília que os sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas, responsáveis pelo trabalho de atração dos índios *kranhacãcores* estão fazendo um novo planejamento para a expedição, que terá o número de integrantes reduzido ao mínimo indispensável. Os sertanistas acreditam que o grande número de expedicionários — mais de 50 — tem contribuído para que os índios gigantes tenham o contato com o branco.

Os trabalhos com os *kranhacãcores* já se estendem por oito meses e até agora os índios se mostraram arredios, abandonando suas aldeias cada vez que pressentem a aproximação do branco. Os 30 índios aculturados do Xingu que acompanham a expedição estão sendo substituídos por novos elementos, pois encontram-se cansados após oito meses de exaustivo trabalho.

Ao mesmo tempo, a Funai já pensa na criação de uma reserva para os *kranhacãcores*, pois com o movimento da estrada Cuiabá-Santarem, que corta o território indígena, poderão ocorrer graves ocorrências com o contato brusco com a civilização. A reserva, no entanto, só será criada quando os diversos grupos *kranhacãcores* forem localizados.

Fonte da Funai informou que a próxima frente de penetração se dirigirá ao rio Iriri, para localizar outros grupos de *kranhacãcores* que habitam a região, e será possivelmente chefiada pelo sertanista Apoena Meirelles. Estes grupos mataram há alguns anos o pesquisador inglês James Mason, que explorava o rio Iriri, considerado o maior rio desconhecido do mundo.

NOVA FRENTE

A próxima expedição da Funai na Transamazônica irá de encontro aos índios *Arara-torás*, ao sul de Humaitá. Esses índios vivem na área de influência da Transamazônica e a Funai pretende formar a expedição em breve, não se sabendo qual o sertanista que será destacado para a missão.

Fonte da Funai adiantou que o órgão só abrirá novas frentes de penetração caso seja liberada uma verba maior pelo governo, pois o apoio logístico dado às diversas frentes é bastante oneroso.

Cruz Vermelha ajudará Funai

A Cruz Vermelha Internacional assinará um convenio no próximo mês com a Fundação Nacional do Índio, no valor de 3.650.890 cruzeiros, que deverão ser aplicados na assistência aos índios que habitam a área da 1ª Delegacia Regional da Funai, abrangendo os Estados do Amazonas e Acre, além do Território de Roraima.

A ação da Cruz Vermelha se concentrará nas regiões do baixo Amazonas e rio Madeira e rios Juruá e Purus, estendendo-se eventualmente ao rio Solimões. No baixo Amazonas, serão atendidos principalmente os índios *mawe*, um grupo de cerca de 1.500 indígenas, já em contato permanente com a civilização. No rio Madeira, serão alcançados os *parintintins* e outros pequenos grupos, que mantêm contato intermitente. Na região dos rios Tapajós e Guamá, vivem cerca de 1500 *mundurukus* que também serão atendidos pela Cruz Vermelha. Na região dos rios Juruá e Purus, entre outros grupos menores, serão atendidos principalmente os três mil índios *fukunas*, semi-aculturados.

TRABALHOS DE ATRAÇÃO

A assinatura do convenio foi noticiada no último boletim informativo da Funai, divulgado ontem em Brasília, e que mostra em longas reportagens os trabalhos de atração dos índios *kranhacãcores* e *waimiri-atroaris*, além de apresentar os resultados do VII Congresso Interamericano de Indigenismo. A respeito da atração dos *waimiri-atroaris*, afirma o boletim que a rodovia Manaus-Caracarái foi considerada uma das mais difíceis de ser demarcada pelos topógrafos do VI BEC, por cortar a região habitada por esses índios. Os topógra-

fos já conseguiram atravessar o território dos indígenas sem qualquer incidente e tiveram a cobertura de uma equipe de atração da Funai, chefiada por Gilberto Pinto. Os *waimiri-atroaris* foram os índios que trucidaram em 1968 a expedição do padre Calleri.

Os trabalhos de atração desses indígenas tiveram início em junho de 1968 e no mês seguinte, Gilberto Pinto pousou de helicóptero num aldeamento *waimiri* e estabeleceu as primeiras relações amistosas. No entanto, em outubro do mesmo ano, a expedição do padre João Calleri foi trucidada em circunstâncias que não foram bem esclarecidas até hoje. Em 1970, Gilberto Pinto reassumiu os trabalhos e conseguiu retomar o contato com os índios, obtendo a permissão das tribos para que a estrada cortasse o seu território.

“Le Monde” critica genocídio na AL

O congresso indigenista que se reuniu em Brasília este mês não fez nenhuma referência ao genocídio perpetrado há quatro séculos contra as populações indígenas da América Latina, escreveu o jornal francês *Le Monde*, num artigo publicado na primeira página com a assinatura de Charles Vanhecke.

O vespertino parisiense comparou “as matanças e perseguições sistemáticas que sofrem as tribos da Amazonia” como sendo iguais às que foram realizadas nos piores momentos da conquista colonial. Segundo o jornalista, a população dos índios na América Latina baixou de 50 milhões antes da intervenção branca a poucos milhões de hoje em dia. A respeito do congresso de Brasília, o jornal afirma que suas soluções de “integração” não são novas. *Le Monde* evocou também a “tortura e matança de 16 índios cuiabas colombianos por proprietários de terras de origem espanhola que foram absolvidos pelas leis colombianas, seguindo um hábito secular”.